

**DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DA “MORADA” DE DEUS NA TERRA,
ANO 70 DC**

*Luiz Carlos Silva **

SUMÁRIO

Deus sempre teve um lugar de morada em meio a Seu povo. Primeiro foi no tabernáculo, e mais tarde, ainda no período de Velho Testamento, no templo. A descrição do tabernáculo nos dá a primeira revelação bíblica de como Deus habita entre os homens. Nossa abordagem consistirá primeiramente em estudar algumas das características do tabernáculo. Em seguida, analisar brevemente os textos que descrevem a construção do(s) templo(s) ... “E a respeito do Templo Jesus disse: Destas coisas que vedes, virão dias em que não ficara pedra sobre pedra, que não seja demolida. Quando virdes, pois, que Jerusalém é sitiada por um exército, então sabeí que está próxima a sua desolação. Porque haverá grande angústia sobre a terra e ira contra este povo. E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, Jerusalém será calcada pelos gentios” (Lucas 21, 5, 6; 20; 23-24). A cidade foi destruída pelos romanos em 70 d.C. e com ela o Templo...

Palavras Chave: Tabernáculo; Maçonaria; Judeus.

ABSTRACT

God always had a place of abode among His people. First it was in the tabernacle, and later, still in the Old Testament period, in the temple. The description of the tabernacle gives us the first biblical revelation of how God dwells among men. Our approach will be primarily to study some of the characteristics of the tabernacle. Then briefly review the texts that describe the construction of the temple (s) ... "And concerning the Temple Jesus said: Of these things that ye see, there shall come a days when there shall not be a stone upon a stone, which shall not be torn down . When you see that Jerusalem is besieged by an army, then know that its desolation is near. For there shall be great anguish upon the land, and wrath against this people. And they shall fall by the edge of the sword, and shall be carried captive unto all nations, Jerusalem shall be trampled upon by the Gentiles "(Luke 21: 5, 6, 20, 23-24). The city was destroyed by the Romans in 70 AD and with it the Temple ...

Keywords: Tabernacle; Masonry; Jews.

* O autor é Ex-Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº 1 e Ex-Venerável Mestre da Loja Simbólica Professor Leônidas Santiago nº 16. É ecofisiologista, formado em Agronomia e com grau de doutor em Recursos Naturais.

INTRODUÇÃO



Ao longo dos séculos muitas pessoas têm procurado encontrar o significado do tabernáculo e do Templo de Jerusalém sob o ponto de vista simbólico.

Para Philo o tabernáculo era uma representação do universo, a tenda significando o mundo espiritual, e o átrio o material. Além disso, as quatro cores significavam os quatro elementos, o candelabro com suas sete lâmpadas, os sete planetas, e os doze pães da proposição os doze signos do Zodíaco e os doze meses do ano.

A descrição do tabernáculo nos dá a primeira revelação bíblica de como Deus habita entre os homens.

O TABERNÁCULO, CARACTERÍSTICAS

(a) O tabernáculo servia como lugar de encontro entre Deus e os homens, e desta forma ficou conhecido como a "tenda da congregação".

(b) O tabernáculo foi um aparato que revelava fabulosa riqueza e beleza. Não é preciso mais que uma leitura casual do texto para apreender que o tabernáculo foi um projeto muito caro.

Os estudos mais recentes das medidas hebraicas calculam o talento em torno de 29 kg e o siclo do santuário em 9,7 gr.

De acordo com estes cálculos haveria algo em torno de 862 kg de ouro, 2.923 kg de prata, e 2.053 kg de bronze.

O projeto envolvia não apenas materiais de elevado valor financeiro, mas estes materiais foram trabalhados de tal forma a criar grandes obras de arte: "Deus ordenou a Moisés que construísse um tabernáculo de uma forma que envolveria quase todas as formas de arte representativa que os homens conheciam". O tabernáculo e seus utensílios foram concedidos aos israelitas tanto para "glória" quanto para "beleza".

O que se escreveu acerca do templo também pode ser dito a respeito do tabernáculo: "Devemos reparar que, com relação ao Templo, toda a arte foi trabalhada para formar uma unidade. O templo inteiro foi um trabalho singular de arquitetura, um todo unificado com colunas livres, estátuas, baixo relevo, música e poesia, pedras gigantescas e belas madeiras trazidas de muito longe. Um trabalho de arte completamente unificado para o louvor de Deus."

Não havia apenas unidade na arquitetura e na estrutura, mas havia também unidade na finalidade. O propósito foi prover um lugar onde Deus pudesse habitar em meio aos homens. Todos os seus utensílios facilitavam as ministrações e cerimônias que contribuíam para que este lugar único fosse a "tenda da congregação".

O TEMPLO COMO LUGAR DA MORADA DE DEUS

Uma vez que Israel tomou posse da terra de Canaã, não havia necessidade de um aparato portátil para guardar a arca da aliança e os outros utensílios do tabernáculo. A arca, recordemos, tinha sido usada pelos israelitas como uma espécie de "talismã" gigante, que eles levaram consigo quando lutaram contra os filisteus, sob a liderança do rei Saul, e seu filho Jônatas. Os israelitas perderam esta batalha e a arca foi capturada pelos filisteus. Depois de repetidas dificuldades diretamente relacionadas com a arca, os filisteus a mandaram de volta à Israel. O retorno da arca e o fato de Davi residir numa casa suntuosa parecem ter propiciado a ele o propósito para a construção de um lugar diferente para guardar a arca: "Sucedeu que, habitando Davi em sua própria casa, disse ao profeta Natã: Eis que moro em casa de cedro, mas a arca da aliança do Senhor se acha numa tenda" (I Cr. 17:1).

Natã rapidamente encorajou Davi a construir um templo (I Cr. 17:2). No entanto, Deus tinha planos diferentes, pois Davi era um homem de guerra e derramara muito sangue. Deus de fato permitiria a construção de um templo, mas seria construído por Salomão, filho de Davi, um homem de paz. Enquanto Davi queria construir uma casa para Deus, Deus prometeu dar a Davi uma casa; portanto, é neste contexto do pedido de Davi para a construção do templo que Deus proclama o que se tornou conhecido como a Aliança Davídica, a promessa de que o descendente de Davi governará para sempre, e assim se tornou conhecido que o Messias de Israel seria o "Filho de Davi" (I Cr. 17:4-15).

Da mesma forma que a vitória de Deus sobre os egípcios, as vitórias militares de Davi contra as nações hostis em derredor forneceram muitos dos materiais necessários à construção do templo. Apesar de não ser permitido a Davi construir o templo, ele fez extensos preparativos para isso. No capítulo 22 de I Crônicas Davi começou a reunir os materiais necessários para o templo. As instruções referentes à construção do templo foram

dadas a Salomão. O povo foi encorajado a ajudar neste projeto. Também foram designados aqueles que ministrariam no templo (I Cr. capítulos 24-26). Os planos que Davi deu a Salomão foram inspirados por Deus (I Cr. 28:11-12, 19), e desta forma divinamente providenciados, como o foram os planos para o tabernáculo.

Davi generosamente cedeu os materiais necessários à construção do templo, como o povo o fez quando foi solicitado (I Cr. 29:1-9). Para celebrar, foram oferecidos sacrifícios e todo o povo comeu e bebeu na presença de Deus (I Cr. 29:21-22) de modo a recordar a ratificação da aliança Mosaica (Ex. 24:5-11). Salomão reinou sobre Israel (II Cr. 1) após a morte de Davi (I Cr. 29:28) e construiu o templo (II Cr. 2-4). Era elegante em material e mão-de-obra, exatamente como o foi o tabernáculo (II Cr. 2:7; 3:8-17, seguintes). Quando ficou pronto, a nação foi congregada e a arca trazida para dentro do templo (II Cr. 5:2-10). Como no tabernáculo (Ex. 40:34), uma nuvem desceu sobre o templo e a glória de Deus encheu o lugar (II Cr. 5:11-14). O templo foi dedicado, e Israel foi instruído sobre o propósito do lugar, superior entre todos aqueles que deviam ser um lugar de oração (II Cr. 6). Depois que Salomão terminara de falar, Deus falou ao povo, prometendo bênçãos e maldições, dependendo da fidelidade de Israel à aliança que Deus fizera com eles (II Cr. 7). Se Israel não fosse fiel à aliança, o templo seria destruído, e o povo disperso. No entanto, se o povo se arrependesse e orasse em direção ao templo, Deus os ouviria e os restauraria.

A história de Israel confirma a veracidade das palavras de Deus. O povo não foi fiel a Deus e eles foram levados da terra e o templo deixado em ruínas.

Os livros de Esdras e Neemias descrevem o retorno do cativo fiel à terra de Canaã, onde reconstruíram o templo e a cidade de Jerusalém, guiados e encorajados pelos profetas menores Ageu, Zacarias e Malaquias. Quando o templo foi reconstruído, ele não tinha o esplendor do primeiro templo, e assim alguns "veteranos" choraram à sua vista (Ed. 3:12). O profeta Ageu, no entanto, fala uma palavra de encorajamento, assegurando ao povo que o templo é glorioso porque Deus está com eles, que Seu Espírito está habitando em seu meio (Ag. 2:4-5), e que no futuro Deus encherá Sua casa com muito maior glória e esplendor (Ag. 2:7-9).

O profeta Ezequiel também falou do templo no tempo futuro (Ez. capítulo 40 e seguintes). A promessa do futuro retorno da nação de Israel à terra de Canaã e sua restauração espiritual são assegurados com a descrição de um templo milenar que é considerado e descrito em detalhes por Ezequiel.

DESTRUIÇÃO TOTAL

“E, dizendo alguns, a respeito do Templo, que estava ornado de belas pedras e de ricas ofertas, Jesus disse: Destas coisas que vedes, virão dias em que não ficara pedra sobre pedra, que não seja demolida. Quando

virdes, pois, que Jerusalém é sitiada por um exército, então saídes que está próxima a sua desolação. Porque haverá grande angústia sobre a terra e ira contra este povo. E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, Jerusalém será calcada pelos gentios” (Lucas 21, 5, 6; 20; 23-24). A cidade foi destruída pelos romanos em 70 d.C. e com ela o Templo. O cerco e a queda são descritos com pormenores pelo historiador judeu do primeiro século, Flávio José, no livro *Guerras dos Judeus*, que foi publicado cerca do ano 75 d.C. De acordo com os Evangelhos, Jesus profetizou este evento aproximadamente no ano 30 d.C.

A cidade e o templo de Jerusalém, de significação inapreciável para a prosperidade, foram eliminados para sempre deste mundo. Porque, uma geração apenas depois de Jesus, nos “dias da vingança” (Lucas 21.22), sofreram a sorte que Jesus lhes profetizara.

O que vemos claramente nas narrativas da Bíblia é que os judeus esperavam um Messias libertador político, já que, naquele tempo, Roma os oprimia. Esperavam alguém para restabelecer o seu domínio sobre aquela terra.

Jesus, porém, nasce como filho de um carpinteiro, sem nenhuma riqueza, nobreza ou poder político. Não era o Messias que eles queriam. Com relação a isso a Bíblia também nos revela: “Aquele que é a Palavra [Jesus] veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu”.

Quando confrontados pela sabedoria e grandeza de Jesus veja como eles o viam como um “Zé ninguém”: *“Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa”*.

O antigo Israel, cuja história não inclui a palavra e a obra de Jesus, a comunidade religiosa de Jerusalém, que condenou e fez crucificar Jesus, foram aniquilados num inferno como talvez não haja exemplo na história, na “Guerra dos Judeus”, de 66 a 70 d.C.

Cada vez mais se elevavam as vozes contra a odiada Roma. Ao partido do “Zelotes” afluíam fanáticos e rebeldes que reclamavam incansavelmente a supressão do domínio estrangeiro; cada um deles levava um punhal escondido debaixo do manto. Seus atos de violência alarmavam o país. Os abusos de força dos procuradores romanos tornavam a situação ainda mais delicada; aumentavam cada vez mais os partidários dos radicais.

A crescente indignação estourou em franca revolta em maio de 66, quando o procurador Floro exigiu dois talentos do tesouro do templo. Géssio Floro amava o dinheiro e odiava os judeus. A guarnição romana foi atacada, e Jerusalém caiu em poder dos rebeldes. A lei que se seguiu imediatamente, proibindo o sacrifício diário a César, significava uma declaração de guerra aberta à grande potência de Roma. A anã Jerusalém arrojou com arrogância a luva do desafio aos pés do Imperium Romanum!

Foi o sinal para todo o país; por toda parte se ateou a rebelião. Floro não era mais senhor da situação. O governador da província da Síria, C. Céstio Galo, marchou em seu socorro com uma legião e numerosas tropas auxiliares mas foi obrigado a retirar-se com pesadas perdas. Os revoltados dominavam o país. (Flavio José).

Na certeza de que Roma ia contra-atacar com toda a sua força, os judeus fortificaram as cidades a toda a pressa, repararam as muralhas antigas e nomearam chefes militares. José, que veio a ser mais tarde o historiador Flávio José, foi nomeado chefe militar da Galileia.

Do lado romano, o Imperador Nero confiou o alto comando ao brilhante e experimentado General Tito Flávio Vespasiano, que muito se havia distinguido na conquista da Bretanha. Acompanhado por seu filho Tito, caiu sobre a Galileia pelo norte com três legiões de elite e numerosas tropas auxiliares.

As povoações situadas ao lado do lago de Genesaré, onde decênios antes Jesus havia pregado aos pescadores assistiram às primeiras carnificinas. Até outubro de 67, já fora invadida toda a Galileia. Entre a multidão de prisioneiros marchava José, o general chefe. Ia acorrentado e, conduzido ao quartel general por ordem de Vespasiano, assistiu então à Guerra dos Judeus no acampamento do adversário. Seis mil judeus foram conduzidos como escravos a Corinto para a construção do canal.

Na primavera seguinte, prosseguiu a luta para submeter os revoltosos da Judéia. Mas nesse meio tempo chegou uma notícia que interrompeu a campanha: Nero suicidara-se.

Em Roma, estourou a guerra civil. Vespasiano aguardou o desenrolar dos acontecimentos. Um após outro, três imperadores perderam a soberania e a vida. Por fim, as legiões tomaram uma atitude: um ano depois da morte de Nero, ressoou no Egito, na Síria, na Palestina e por todo o Oriente a aclamação “Viva César!” Vespasiano tornara-se soberano do Império Romano. De Cesareia, na costa da palestina, onde recebeu a notícia, ele se dirigiu sem tardança para Roma, deixando ao seu filho Tito o último ato da Guerra dos Judeus.

Pouco antes da lua cheia da primavera de 70, Tito encontrava-se com um exército imenso diante de Jerusalém. Por todos os caminhos e estradas avançavam para a cidade colunas como a Judéia nunca vira. Eram a 5ª, a 10ª, a 12ª, e a 15ª legiões, seguidas da cavalaria, tropas de sapadores e tropas auxiliares, quase oitenta mil homens.

A cidade fervilhava de gente; peregrinos de toda parte acorreram para lá a fim de celebrar a festa da páscoa. Mas as preces eram interrompidas por choques entre os elementos extremos dos zelotes e o partido dos moderados; havia mortos e feridos nas ruas.

Enquanto isso, os romanos estabeleciam seus acampamentos nos arredores. Um ultimato para que se rendessem foi recebido com risos de gozação. Tito replicou com a ordem de assaltar. A artilharia romana – scorpiones (escorpiões: catapultas de tiro rápido) e balistas

– foi disposta em ordem de ataque. Cada uma dessas máquinas arremessava pedras de cinquenta quilos de peso a cento e oitenta e cinco metros de distância! No lado norte, os sapadores atacaram o calcanhar-de-aquiles do forte.

Dos lados sul, leste e oeste, o baluarte era protegido por encostas escarpadas. O lado norte era, por essa razão, extraordinariamente bem protegido por três poderosas linhas de muralhas. Os aríetes e catapultas começaram com grande estrondo e alarido sua obra de destruição nos fundamentos. Só quando as pesadas pedras começaram a cair incessante e estrepitosamente na cidade, quando soava de dia e de noite o ruído surdo dos aríetes, terminou a luta fratricida no forte. Os rivais fizeram as pazes. Dos chefes dos partidos Simão bar Giora, o moderado, recebeu o encargo de defender a frente norte, e João de Gischala, o zelote, o de defesa do recinto do templo e do Forte Antônia.

No princípio de maio, as máquinas de assédio haviam feito em duas semanas uma grande brecha no muro setentrional. Cinco dias depois, os romanos passaram também através da segunda linha de muros. Um contra-ataque resoluto deu de novo aos sitiados a posse do muro. Os romanos levaram dias para reconquistá-lo. E assim os arredores do norte ficaram definitivamente em poder dos romanos.

Convencido de que Jerusalém, diante dessa situação se renderia, Tito suspendeu o assalto. O grandioso espetáculo de uma grande parada de suas tropas à vista dos sitiados deveria, pensou ele, chamá-los à razão.

Os romanos tiraram seus trajes guerreiros, poliram o mais que puderam seus uniformes de parada. Os legionários puseram suas couraças, suas cotas de malha, seus elmos. A cavalaria enfeitou seus cavalos com gualdrapas ornadas e, ao som de trombetas, desfilaram dez mil combatentes diante de Tito, recebendo sob os olhos dos sitiados o soldo e alimento substancioso. Durante quatro dias ressoou de manhã cedo até o pôr-do-sol a marcha das colunas romanas acostumadas à vitória.

Em vão. Comprimidos em cima do velho muro, no lado norte do templo e em todos os telhados, os homens mostravam apenas hostilidade. Demonstração inútil, os sitiados não pensavam em rendição.

Tito fez uma última tentativa para induzi-los a mudarem de pensamento. Mandou o prisioneiro Flávio José, que fora o general-chefe, judeu de Galileia, até junto dos muros da fortaleza.

A voz de José subiu clara até onde eles estavam: “Ó homens duros de coração, abandonai vossas armas, tende compaixão de vossa terra, que ameaça cair no abismo. Olhai ao redor e vede a beleza do que quereis atrair. Que cidade! Que templo! Que presentes e inumeráveis nações! Quem se atreveria a entregar tudo isso à destruição das chamas! Existirá alguém capaz de desejar que tudo isso deixe de existir? Haverá coisa mais preciosa para conservar?... Ó criaturas duras, mais insensíveis do que pedras!”

Com palavras, comoventes, José lembrou-lhes os grandes feitos do passado, os patriarcas, a história, a missão de Israel em vão. Suas exortações e súplicas caíram em ouvidos moucos.

A luta foi renovada, partindo da segunda muralha, dirigida contra o Forte Antônia. Através das ruas do arrabalde, a frente foi avançando para o recinto do templo e a cidade alta. Os sapadores construíram rampas de assalto com madeira que as tropas auxiliares iam buscar nos arredores. Os romanos serviam-se de todos os meios comprovados da técnica de assédio. Os trabalhos preparatórios sofriam continuamente danos consideráveis, causados pela incansáveis tentativas dos sitiados para destruí-los. Além de desesperadas surtidas, os baluartes de madeira, apenas terminados, eram de novo presa das chamas. Com o cair da noite, os arredores do acampamento formigavam de vultos que surgiam de esconderijos e passagens subterrâneas ou se arrastavam por cima dos muros.

Tito ordenou represálias contra os esfomeados e os trãnsfugas que surgissem no acampamento. Quem quer que fosse apanhado fora dos muros – trãnsfuga, vagabundo ou forrageador – seria pregado na cruz. Diariamente os soldados pregavam na cruz quinhentos deles junto da cidade. Pouco a pouco foi surgindo em volta, nas encostas da colina, uma verdadeira floresta de cruces, até que a falta de madeira obrigou a suspender o horripilante suplício.

Uma após outra as árvores foram caindo para a confecção de cruces, rampas de assédio, escadas de assalto ou fogueiras no acampamento. Quando os romanos chegaram, encontraram uma região florescente. Algum tempo depois, haviam desaparecido as vinhas, as plantações de hortaliças, a riqueza em figueiras e oliveiras; nem o monte das Oliveiras dava mais sombra. Através da região desolada e nua pairava um fedor insuportável. Junto das muralhas amontoavam-se aos milhares os cadáveres dos que tinham morrido de fome e dos guerreiros caídos em combate, jogados dos parapeitos pelos sitiados. Quem poderia sepultá-los segundo o costume antigo?

“Nenhum estrangeiro que tivesse visto a antiga Judéia e os encantamentos arrabaldes de sua capital e visse agora aquela desolação poderia conter as lágrimas e a aflição diante de modificação tão espantosa”, lamentou Flávio José. “Pois a guerra havia transformado toda aquela beleza num deserto. E quem quer que tivesse visto antes esses lugares e de repente os tornasse a ver não seria capaz de os reconhecer sequer.”

A fim de isolar a cidade completamente, Tito ordenou a construção de uma *circumvallatio*.

Revezando-se dia e noite, as tropas construíram, num vasto arco ao redor de Jerusalém, um alto e forte muro de terra, reforçado por treze construções fortificadas e vigiado por uma espessa cadeia de postos. Se até então os sitiados ainda podiam, durante a noite, furtivamente, através de túneis e fossos, levar algumas provisões para a

cidade, a circunvalação impediu também esse último e escasso reabastecimento.

O espectro da fome apoderou-se da cidade super povoada pelos peregrinos; a morte fazia uma colheita terrível. A ânsia de comer fosse o que fosse não conhecia mais limites, matava qualquer outro sentimento humano.

“A fome, cada vez mais insuportável, aniquilava famílias inteiras entre o povo. Os terraços estavam cheios de crianças e mulheres desfalecidas, as ruas cobertas de velhos mortos. Crianças e jovens, cambaleantes, erravam como fantasmas pela cidade, até que caíam. Tão esgotados estavam que não podiam mais enterrar ninguém e caíam sobre os próprios mortos ao enterrá-los. A miséria era indizível e, apenas surgia em algum lugar a simples sugestão de qualquer coisa comestível, começava logo uma luta para apoderar-se dela, e os melhores amigos lutavam entre si, arrancavam uns aos outros as coisas mais miseráveis. Ninguém acreditava que os moribundos não tivessem algum alimento. Os ladrões se atiravam aos que jaziam nas últimas e revistavam-lhes as roupas. Esses ladrões andavam de uma lado para outro, batendo às portas das casas como ébrios. Em seu desespero batiam frequentemente duas ou três vezes num dia à mesma porta. Sua fome era tão insuportável que os forçava a mastigarem tudo o que encontravam. Apanhavam coisas que nem mesmo os animais comuns tocavam sequer e muito menos comiam. Havia muito que tinham começado a roer seus cinturões e sapatos e até mesmo o couro dos casacos. Muitos até feno velho comiam, e havia outros que reuniam talos de erva e vendiam um insignificante peso dela por quatro dracmas áticas... Mas por que descrevo essas vergonhosas indignidades a que reduziu os homens, levando-os a comerem coisas tão inaturais?”, pergunta Flávio José em sua obra sobre a Guerra dos Judeus.

“Porque escrevo sobre um acontecimento paralelo em nenhuma história, nem entre os gregos nem entre os bárbaros. É horrível falar a respeito e inacreditável para quem o ouve. De bom grado, com efeito, eu passaria por alto essa nossa calamidade para não adquirir fama de transmitir uma coisa que parecerá tão indigna à posteridade. Mas houve muitos testemunhos oculares no meu tempo. Além disso, o meu país teria pouco motivo para me agradecer se silenciasses a miséria que sofreu nesse tempo.”

Flávio José, cuja própria família sofreu com os sitiados, não recuou nem mesmo diante de um episódio desumano que prova que o desespero da fome já começava a turvar a razão dos israelitas.

Os zelotes percorriam as ruas em busca de alimento. De uma casa saía cheiro de carne assada. Os homens penetraram imediatamente na habitação e pararam diante de Maria, filha da nobre família Bet-Ezob, extraordinariamente rica, da Jordânia oriental. Maria tinha ido como peregrina a Jerusalém para a festa da Páscoa. Os zelotes ameaçaram-na de morte se não lhes entregassem o assado. Perturbada, a mulher estendeu-lhes o que lhe

pediam, e eles viram, petrificados, que era um recém-nascido meio devorado - o próprio filho de Maria.

Não tardou que toda cidade soubesse do caso; mais ainda, a notícia transpôs os muros e chegou ao acampamento romano. Tito jurou que cobriria essa ação infame com as ruínas de toda a cidade.

Muitos fugiam a morte pela fome encobertos pela escuridão e iam sofrer sorte igualmente terrível nas mãos do exercito. Entre as tropas auxiliares espalhara-se o rumor de que os fugitivos sempre levavam consigo ouro e pedras preciosas, que engoliam na esperança de que não caíssem em poder dos estrangeiros. Apanhados, os fugitivos eram mortos sem saber por quê, e indivíduos ávidos abriam-lhes o corpo. Assim encontraram a morte dois mil só numa noite. Tito ficou enfurecido; sem piedade, mandou sua cavalaria dizimar toda uma unidade de tropas auxiliares e uma ordem do dia estabeleceu a pena de morte para esse crime. Mas não adiantou muito; a chacina continuou secretamente.

Dia e noite, entretanto, os aríetes martelavam no arrabalde de Jerusalém. Eram aplicadas novas rampas de assalto. Titourgia seus homens. Queria terminar com o pesadelo o mais depressa possível.

No princípio de julho, seus soldados tomaram de assalto o “Antônia”, castelo em cujo lithóstrotos (terreno elevado) fora sentenciado Jesus de Nazaré que, então, foi arrasado até os alicerces. Seus muros confinavam com a parede norte do templo.

Chegou a vez do conjunto do templo, aquela poderosa e fortificadíssima construção, com galerias, balaustradas e pátios. O comandante supremo reuniu em conselho seus oficiais. Muitos eram de opinião que o templo devia ser tratado como uma fortaleza. Tito foi contra. Ele queria fazer todo o possível para poupar o famoso santuário, conhecido em todo Império Romano. Por meio de arautos, propôs aos sitiados se renderem sem combate. A resposta foi de novo negativa. Só então Tito dirigiu seus assaltos contra o sagrado recinto.

Uma saraivada de pedras e uma chuva incessante de flechas começaram a cair sobre os pátios. Os judeus lutavam como possessos e não cediam. Confiavam em que no ultimo momento Jeová acorreria em seu auxilio e salvaria o santuário. Mais de uma vez os legionários, servindo-se de escadas, galgaram as muralhas. Outros tantos foram repelidos. As catapultas e os aríetes revelaram-se imponentes contra os muros. Era impossível demolir aqueles blocos enormes de cantaria assentes no tempo de Herodes. Para forçar uma entrada, Tito mandou incendiar as portas de madeira do templo.

Tão logo as portas foram queimadas, deu instruções para que as chamas fossem apagadas a fim de abrir passagem para o assalto dos legionários. A ordem de Tito para o ataque dizia que “poupassem o santuário”. Mas o fogo, durante a noite, havia chegado até o peristilo, e os romanos tiveram de concentrar todos os esforços na tarefa de apagar as chamas. Os sitiados aproveitaram esse momento propício para um ataque violento. No inesperado combate, os legionários repeliram os judeus,

fizeram-nos retroceder e perseguiram-nos através dos pátios. No tumulto selvagem que se estabeleceu, os combatentes incendiaram o santuário. Excitado e exaltado, “um soldado apanhou uma tocha, sem esperar qualquer ordem e sem se horrorizar com o seu ato, ou antes impellido por algum demônio, e, levantado por um camarada, jogou o fogo através da `janela dourada`, que dava para as câmaras contíguas ao sacrário”.

Essas câmaras eram revestidas de madeira velha e continham, juntamente com substâncias facilmente inflamáveis para os sacrifícios, recipientes com óleo bento. A chama das tochas encontrou imediatamente rico alimento. Tito viu as chamas subirem e tentou impedir a propagação do incêndio.

Então César deu ordem de apagar o incêndio gritando para os soldados que combatiam e, ao mesmo tempo, fazendo sinal com a mão direita. Mas os soldados não ouviram o que ele dizia, embora ele gritasse bem alto. E, como César não estava em condições de refrear o furor dos soldados e o fogo avançava cada vez mais, foi com seus comandantes ao sagrado recinto do templo ver o que havia. As chamas ainda não haviam atingido as câmaras internas, tendo consumido somente as exteriores ao redor da casa santa. Com efeito, Tito compreendeu que o templo propriamente dito ainda podia ser salvo, e fez todo o possível para persuadir os soldados a apagarem as chamas, dando ordem ao centurião Liberalius e a um dos membros da sua guarda pessoal para que açoitassem com paus os soldados e os refreassem. Mas por maior que fosse o seu entusiasmo por César e o medo que tinham de desobedecer-lhe, o seu ódio aos judeus e a sua vontade de lutar contra eles eram igualmente grandes.

“Além disso, muitos eram impellidos pela esperança de saque. Vendo que tudo ao seu redor era de puro ouro, pensavam que muitas daquelas câmaras interiores estavam cheias de ouro. E assim queimaram todo o templo sem o consentimento de César.”

Em agosto do ano 70, os legionários romanos implantaram suas insígnias o recinto sagrado dos judeus e sacrificaram nele. Embora metade de Jerusalém estivesse nas mãos do inimigo, embora, fatidicamente, colunas de fumo negro subissem do templo em chamas, os zelotes não se entregaram.

João de Gischala escapou com uma grande multidão do recinto do templo para a cidade alta, na colina ocidental. Outros fugiram para o palácio de Herodes, com suas fortes torres. De novo os sapadores, a artilharia e as máquinas de demolição de Tito puseram em ação sua brilhante técnica de assédio. Em setembro, também esses muros foram abatidos, foi conquistado o último baluarte. A resistência estava definitivamente vencida.

Assassinando e saqueando, os vencedores tomaram posse da cidade que lhes opusera resistência tenaz e encarniçada e que tanto sangue e tempo lhes havia custado. “César ordenou que toda a cidade e o templo fossem arrasados. Deixou apenas de pé as torres Fasael, Hípico e Mariana e uma parte do muro da cidade no lado

ocidental. As torres foram utilizadas como alojamento para a guarnição que aí ficou.”

A legião que permaneceu sessenta longos anos guarnecendo aquele lugar desolado usava a insígnia “Leg XF”, que significava “Legio X. Fretensis”. O seu posto na pátria era fretum Siciliense, a “via de Sicília”. Eles deixaram ali e por toda a Jerusalém milhares e milhares de sinais de sua presença. Até hoje jardineiros e lavradores continuam encontrando na terra, de vez em quando, pequenos quadrados de bairro com o número da legião e o emblema da galera e do javali.

As perdas dos judeus foram incalculavelmente elevadas. Durante o sítio encontrava-se na cidade, segundo os dados de Tácito, seiscentas mil pessoas. Flávio Josefo dá o número de noventa e sete mil prisioneiros, não incluindo os crucificados e os chacinados, e acrescenta que só por uma porta foram retirados, no espaço de três meses, cento e quinze mil e oitocentos cadáveres judeus.

No ano 71, Tito mostrou aos romanos a grandeza de sua vitória sobre Jerusalém com um imenso desfile triunfal. Entre os setecentos prisioneiros que faziam parte do cortejo, encontravam-se a ferros João de Gischala e Simão Bar Giora. Com grandes manifestações de júbilo, eram conduzidos também dois despojos preciosos, de ouro puro – o candelabro de sete braços e a mesa de exposição do Pão Ázimo do Templo de Jerusalém. Foram depositados em outro lugar sagrado – o Templo da Paz em Roma. Esses dois objetos de culto ainda podem ser vistos no grandioso Arco de Tito, erigido para comemorar essa campanha vitoriosa.

Em 1 de Agosto de 67 d.C. as legiões romanas, comandadas pelo futuro Imperador Tito (39 - 81 d.C.), filho primogênito do Imperador Vespasiano (9 - 79 d.C.), ocuparam Jerusalém e começaram a destruir o Templo, tarefa terminada em 70 d.C.

Sobre as ruínas desoladas e sem esperança, onde nem os judeus nem os adeptos de Cristo podiam pisar, o Imperador Adriano construiu uma colônia romana: Aelia Capitolina.

A vista de uma colônia estrangeira no solo sagrado dos judeus deu motivo a nova rebelião. Júlio Severo foi chamado a Judá de seu comando na Bretanha e sufocou, numa campanha que durou três anos, a última tentativa desesperada feita pelos judeus para reconquistar a liberdade.

O Imperador Adriano mandou construir ali mais um hipódromo duas casas de banhos e grande teatro. Sobre as massas de entulho do santuário judeu erguia-se, como por escárnio, um monumento a Júpiter, e no lugar onde, segundo a tradição cristã, se encontrava o túmulo de Cristo, peregrinos de terras estrangeiras subiam os degraus dos terraços que conduziam ao santuário de uma divindade pagã, a deusa Vênus!

A maior parte da população da Terra Prometida que não morreu na sangrenta Guerra dos Judeus de 66 a

70 ou no levante de Bar-Kokhba de 132 a 135 foi vendida como escrava: “Cairão a fio de espada e serão arrastados como prisioneiros para todas as nações. Jerusalém será pisoteada pelos pagãos até que se completem os tempos das nações”. (Lucas, cap. 21 vers. 24). Cumprindo-se assim, a profecia feita por Jesus.

Dos anos posteriores a 70, os arqueólogos não encontraram na Palestina mais nada que indicasse uma construção de Israel, nem mesmo uma lápide tumular com uma inscrição judaica. As sinagogas foram demolidas e até da Casa de Deus da tranquila Cafarnaum ficaram apenas ruínas. A mão implacável do destino riscara o nome de Israel do concerto dos povos.

Mas a doutrina de Jesus, revitalizante e unificadora, tinha iniciado sua marcha vitoriosa através do mundo, configurando-se na maior revolução já registrada na história da humanidade.

Fica, portanto, a lição de que devemos aprender a não pensar em Deus como habitando em edifícios feitos por mãos humanas, mas sim habitando dentro da igreja simbólica, isto é, dentro do corpo daqueles que verdadeiramente creem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA SAGRADA. I Crônicas.

_____ II Crônicas.

_____ Ageu.

_____ Esdras.

_____ Êxodo.

_____ Ezequiel.

_____ Lucas.

JOSEFO, Flávio. A Guerra dos Judeus. Citado por Werner Keller in: E a bíblia tinha razão. 1960.

KELLER, Werner. E a Bíblia tinha razão... Tradução de João Távora. 5ª edição. Edições Melhoramento. São Paulo, SP. 1960. 383 p.

NOTA: O presente trabalho foi extraído do livro “E a Bíblia Tinha Razão”, do autor alemão WERNER KELLER, e adaptado por Luiz Carlos Silva.
